

Uma História

da Rua de Mata Cavalos

Por

LUIZ OTÁVIO DOBAL

Editora Scortecci

2001



© Luiz Otávio Dobal



3016/1-0500-080-2001

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dobal, Luiz Otávio, 1955-
Uma história da Rua de Mata Cavalos / Luiz
Otávio Dobal. -- São Paulo : Scortecci, 2001.

ISBN 85-7372-579-6

1. Romance brasileiro I. Título.

01-3802

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura brasileira 869.93

SCOR
Editora
TECCI

Scortecci Editora
caixa postal 11481 - São Paulo - SP - CEP 05422-970
telefax: (11) 3032 1179 e 3032 6501
editora: www.scortecci.com.br - e-mail:
editora@scortecci.com.br
livraria e loja virtual: www.asabeca.com.br

Aos meus filhos:

André, Luiza, Carolina e Rafael.

Para Marta,

Meu amor e minha companheira.

I DO TÍTULO

A princípio pensei em vários títulos para este livro, nomes dos mais variados. Não vou enumerá-los para já não ir cansando o leitor, afinal porque dizer de algo que já não tem ou terá qualquer utilidade. A verdade é que depois de pensar em muitos títulos deixei a decisão para o final porque se faz mais útil escrever o livro, e o título se não vier no decorrer da narrativa é porque talvez não seja necessário. Mas começar um livro sem título também não é atrativo e um livro precisa ser atrativo para que o leitor se aproxime dele. Por isso e por não ter encontrado nada melhor resolvi chamá-lo DOM CASMURRO II.

Não é nada disto.

O propósito desta narrativa é basicamente me ater a verdade, então não poderia iniciá-la mentindo. Mas por outro lado tenho explicação para a necessidade de aceitar o título que sempre quis. Desde que tive a primeira ideia de construir este livro, pensei em dar uma outra visão da estória narrada por Bentinho em seu livro Dom Casmurro, publicado em 1899 com o pseudônimo de Machado de Assis. Então este livro, por ser uma outra versão dos mesmos acontecimentos, deveria no meu entender ser também intitulado Dom Casmurro. Então para que o II? Simples. Não podendo colocar o mesmo nome acrescento um II. O que faz deste o segundo Dom Casmurro. É possível que alguns pensem que o II signifique uma continuação e me cobrem, por exemplo, o restante da vida de Bentinho. Não é esse o meu intuito, mas foi esta confusão que me levou a ter dúvidas quanto ao título. Por isto e por muitas outras coisas e outras confusões que temos agora e teremos mais para frente é que deixo o título para o final da narrativa.

Se você comprou este livro e ele chama-se Dom Casmurro II, é porque não consegui nada melhor, mesmo depois de escrevê-lo por completo ou concluí que este é o melhor título.

Que seja, então vamos a narrativa.

II

OS MOTIVOS

Sempre quis escrever um livro, mas adiei o projeto por várias vezes e por diversos motivos. Sempre tive motivos para fazer as coisas, acho que todos têm. É verdade que alguns fazem coisas sem motivos, mas duvido que isto lhes dê prazer. O prazer de tudo na vida vem quando desejamos algo e buscamos conseguir, a busca é o motivo, a busca é o prazer. O principal motivo do adiamento de um livro é que nunca pensei ser capaz de fazê-lo, hoje ainda sinto isso, mas estou fazendo. O que me leva a concluir que posso e se posso, passemos para o outro não menos importante motivo. O outro motivo é que por muito tempo busquei algo interessante para escrever. Penso que a maioria das pessoas lê apenas sobre assuntos que a interessam, por isto, busquei por muito tempo um assunto que interessasse a um grande número de pessoas, porque se quisesse escrever para ser lido por poucos, escreveria sobre jardinagem. Há pessoas que se interessam por jardinagem, mas são poucas, e tem o problema de que eu não entendo nada de jardinagem.

Você caro leitor deve estar achando estranho toda esta confusa explicação. Deve estar se perguntando: o que diabos a jardinagem tem a ver com tudo isto? Não tem nada. O que tentei explicar é que só estou escrevendo este livro por dois motivos, primeiro: o assunto que trata a narrativa é muito interessante e por isto irá atrair a atenção de muito leitores; segundo: eu sei sobre o que estou escrevendo. Conheço muito bem o assunto. Não escrevo sobre jardinagem porque não sei sequer a diferença entre adubo orgânico e adubo animal, mas sobre a estória contada em 1899 por Bentinho, eu sei tudo. Sei mais até do que ele, posto que escreveu sua narrativa, baseado em suposições, em lembranças de sua infância, em conclusões extraídas de seu coração apaixonado, em reminiscências

destorcidas pelos ciúmes. Eu além de não estar envolvida emocionalmente com a intensidade que ele estava, estou documentada. É isso mesmo, eu tenho cartas escritas e guardadas por gerações como segredos enterrados. Eu tenho depoimentos dos personagens que viveram aqueles momentos. Mas para que o leitor entenda o que estou dizendo não é necessário que já tenha lido o livro de Bentinho, é até melhor que não. Visto que minha narrativa é mais completa, mais independente. Porém, se você leitor conhece as aventuras e desventuras de Bentinho, Capitu, José Dias, Escobar, Sancha e todos os outros, deve ler este livro para ter uma descrição do que realmente aconteceu e não uma visão distorcida, contada por Bentinho.

O Bentinho já é pó faz muito tempo e não pode falar qualquer coisa, mas o leitor apaixonado por seu livro de estar perguntando na linguagem que extraiu dos textos oriundos de 1899:

- Quem é esta moçoila atrevida para afirmar tais disparates?

III

A MOÇOILA DO SÉCULO XXI

Pois eu vos digo quem sou, caro leitor, e que isto sirva não só de apresentação, mas também como explicação e amostra do que há de vir nos próximos capítulos desta minha narrativa.

Meu nome é Ana Luiza, não me apresento com sobrenome posto que isto é de menor importância no momento. Sou uma moçoila sim, pois tenho apenas vinte e oito anos, apesar de que neste século que se inicia, em pleno início de 2001, com esta idade sou considerada por meus contemporâneos uma senhora e por alguns até já *passadinha*. Perdoe-me caríssimo leitor, pois que pretendia usar palavras parecidas com aquelas que usou Bentinho em seu tempo, e agora uso a gíria *passadinha*. Risquei esta palavra e busquei por outra, mas não tive sorte posto que a trouxe de volta ao texto na falta de uma que a substituísse. Combinemos o seguinte: vou tentar manter o estilo e as palavras daquela época tomando apenas o cuidado de atualizar a gramática, e o leitor irá me perdoar e aceitar quando encontrar algo em uso no século que se inicia. Afinal escrever sobre um fato acontecido a mais de cem anos não nos obriga a ser antigo, e como disse antes, quero escrever sobre algo e da maneira que conheço.

Agora que o leitor sabe a minha idade precisa saber também que sou filha de Dona Vitória, que é filha do Sr. Arthur, meu querido avô, que é filho de nada menos que o Sr. Escobar Neto, meu amantíssimo bisavô, que por sua vez é filho de ninguém menos que a doce Capitulinzinha ou Dona Capituzinha, minha tataravó, filha do casal Escobar e Sancha, meus tetravôs. É isso mesmo querido e paciente leitor, eu sou da família.

IV

A FAMÍLIA

Sim eu sou da família. De uma linda família, que se iniciou pelo que pude descobrir e registrar com um rico comerciante chamado Escobar e sua bela e amada esposa Sancha. Escobar todos que leram o livro de Bentinho sabem, morreu ainda jovem nas águas da praia do Flamengo. Sua viúva após a abertura do testamento tornou-se reclusa em casa de parentes no Paraná. Com ela partiu a filha do casal, Capitulinazinha, que se casou com um integrante do grupo que fundou a colônia alemã em Cascavel, no mesmo Estado do Paraná. Eles tiveram um único filho ao qual deram o nome de Escobar Neto, como o falecido pai de Capitulinazinha. Capituzinha já mostrava que as coisas iriam mudar na família pois naquela época era costume dar ao primeiro filho o nome do avô paterno e não materno, mas ela conseguiu arrancar esta mudança e muitas outras, mas isto já é outra estória.

Escobar Neto radicou-se em São Paulo, em 1918 nasceu o seu único filho, meu avô Arthur. Ele ainda está entre nós com seus 82 anos, adora dançar e cantar seresta, sempre foi um boêmio, talvez por isso além de ter tido uma juventude maravilhosa está tendo uma velhice invejável. Mas isto também é outra estória.

Vitória, minha mãe. Falar de mãe é sempre redundante. Vou definir a minha com seu próprio nome: Vitória. Assim é minha mãe, uma vencedora. Mas a estória é outra e não vamos nos perder. O importante aqui é registrar não só os laços que me unem ao Bentinho e aquela estória ocorrida em seu livro publicado em 1899, mas as coincidências que me levaram a escrever um romance que já foi escrito. Além da diferente visão que mostrarei durante minha narrativa é preciso que se conte também dos acasos que o destino buscou para unir 1899 a 2001.

O meu avô, seu Arthur, perdeu a esposa num acidente em São Paulo no ano de 1954. Era um grande amor àquela relação deles, tão grande que ele não conseguiu ficar na mesma cidade onde a conheceu e partiu com sua única filha – Vitória, minha mãe – para o Rio de Janeiro e até hoje nunca mais voltou. Vieram e foram morar em Niterói, local onde minha mãe se casou e eu nasci. Na verdade, minha mãe nunca se casou e

eu nunca conheci meu pai, ela diz que ele era da marinha e morreu no mar. Acho que ela o matou. Talvez ele a tenha abandonado. Mas isto nunca me interessou, talvez porque nunca interessou muito a ela também. Bom, vamos ao que interessa senão nos perdemos novamente.

Em 1992 aos dezenove anos saí de casa e fui morar sozinha, sempre quis viver sozinha. Como estava fazendo faculdade em Botafogo na Universidade Santa Ursula e trabalhava no centro do Rio de Janeiro, procurei um apartamento barato e que ficasse perto dos dois. Foi assim que me mudei para um conjugado na Rua do Riachuelo. Nesta mesma época me caiu nas mãos o livro de Bentinho – Dom Casmurro – sem que eu me recorde como isto aconteceu. Só lembro que as duas coisas aconteceram juntas. E foi lendo o livro que percebi o parentesco, ao mesmo tempo em que descobri ser a rua do Riachuelo a antiga rua Mata-cavalos. Talvez tudo não passe de coincidência, mas desde então além de sentir a irresistível necessidade de conhecer mais detalhes da estória de Bentinho e Capitu tive a certeza de que o prédio onde morava era no mesmo terreno onde a mais de cem anos existia a casa que abrigou a família de Bentinho.

V

A CAIXA

Durante os últimos oito anos me dediquei principalmente a isto, pesquisar sobre minha família e aquela antiga estória. Minha decepção com o livro de Bentinho foi enorme, não que ele tenha feito algo de propósito, ele não sabia e nunca saberia pois o acerto era esse – não contar nunca. Minha mãe não me ajudou nada, ela nunca se interessou pela família. Já meu avô Arthur foi o grande responsável por minhas descobertas. Quando ele soube do meu interesse em desvendar o passado da família não só me contou tudo que lembrava ter ouvido do seu pai e de seus avós como também me entregou a caixa.

Lembro com todos os detalhes daquele dia. Estávamos em Itaipuaçu na casa de meu avô. Uma casa a beira mar feita quase que totalmente de madeira e vidros, a casa é a cara dele. Ele não construiu a casa, parece que os dois se encontraram. Meu avô trabalhou a vida inteira como escafandrista - isto não existe mais, hoje se diz mergulhador - fazia limpeza e consertos em cascos de navios, quando se aposentou não quis afastar-se do mar embora nunca mais tenha mergulhado. Sua casa é um templo em homenagem ao mar e a minha avó, por todos os cantos e paredes encontra-se fotos dela e algum objeto marítimo, como conchas, estrelas do mar e outras quinquilharias. Sempre gostei de Itaipuaçu, grande parte de minhas férias passei ali com ele. Minha mãe viajava sem mim pois afirmava que férias são férias de tudo e de todos, dizia sempre:

- Quando vejo a família não consigo desligar e se não desligo não descanso – falava e sorria com aquele jeito de quem é a pessoa mais feliz do mundo.

Hoje sei que era desculpa para não me levar junto com seus namorados, mas não me importo, me divertia muito com meu avô, pescando, passeando pela praia, ouvindo estórias do mar. Meu avô conta estórias como ninguém.

Estava uma tarde maravilhosa. Nós estávamos sentados na varanda ouvindo o mar e esperando o sol se por. Por muito tempo tive certeza de que toda minha infância estava ali naquela varanda. Quando comecei a

falar sobre meu interesse nas estórias da família e minha intenção de pesquisar nosso passado, ele sorriu e pediu que eu continuasse.

- O senhor conhece o livro Dom Casmurro?

- Claro que sim, é o livro escrito por Bentinho.

- Então o senhor sabe do nosso parentesco com a personagem Sancha?

- Sei sim, e sei também que você está morando na rua Mata-cavalos, provavelmente no mesmo local onde morou Bentinho a mais de cem anos atrás.

Ele passou a mão na cabeça espalhando a vasta cabeleira branca, o seu rosto bronzeado emitiu aquele sorriso que só ele sabia dar quando queria fazer suspense antes de iniciar uma de suas estórias. Mas desta vez não começou a contar uma estória, ao invés disto levantou-se e pegando no meu braço disse:

- Vem comigo, já está passando da hora de você conhecer esta estória, e pelo jeito sua mãe mais uma vez não vai fazer a parte dela.

Ele sempre falava de maneira aborrecida da minha mãe, no entanto era assim como eu apaixonado por ela.

Nós entramos e fomos até o seu quarto. Ele abriu o armário retirou alguns cabides com roupas, mexeu de uma forma que não consegui entender na parte do fundo e uma porta falsa se abriu. Ele enfiou a mão lá dentro e retirou uma caixa.

Fico imaginando como passei a maior parte de minha vida naquela casa e nunca descobri o fundo falso ou a caixa. Há coisas que não podemos descobrir sozinhos, precisamos ser levados pela mão.

Nos sentamos na cama e ele acariciando a caixa sem abri-la disse quase sussurrando:

- Nesta caixa está a estória de pessoas que já se foram faz muito tempo, muitos leram o que está escrito nestes papéis e guardaram segredo. Porém nunca me foi pedido segredo e por isto estou te dando a caixa e deixando por sua conta o destino do que está aqui. Já dei esta caixa para sua mãe, mas ela não se interessou e me devolveu. Você conhece sua mãe, os interesses dela não passam pela família. A caixa agora é sua, você pode jogar fora ou pode aproveitar e reviver um passado que não volta mais. Esta caixa pode e vai lhe proporcionar momentos inesquecíveis além de ser motivo de orgulho dos seus antepassados. Cabe a você guardar o

segredo para os seus filhos ou soltar esta estória presa há tantos anos para que ela se espalhe como o vento.

Meu avô nunca tinha falado tão sério comigo, ele me pareceu acima de tudo triste e apreensivo. Ele calou-se e não sei bem por que não perguntei mais nada, voltamos para a varanda e naquela tarde o sol se pôs proporcionando um espetáculo ainda mais fantástico do que os muitos que já havia assistido.

VI

AS CARTAS

Assim que voltei para meu conjugado na rua Riachuelo abri a caixa em cima da cama e espalhei todo seu conteúdo. Durante semanas fiquei lendo e relendo aquelas cartas, algumas ainda no original outras reescritas, talvez por minha avó ou bisavó, mas todas carregadas de emoções e estórias. Todas as cartas foram escritas por apenas duas pessoas, foram trocadas entre duas meninas, depois transformadas em moças e mais tarde em mulheres. Capitu e Sancha. As duas amigas se corresponderam por praticamente toda a vida, com a morte de Capitu as cartas enviadas por Sancha foram devolvidas e ela juntou com as enviadas por Capitu e guardou tudo numa caixa. Com a correspondência completa entre as duas a caixa passou de geração em geração.

Você compreende agora, assustado leitor? Quando digo que estou documentada falo destas cartas, falo de uma vida inteira transcrita no papel, a amizade, as alegrias, as tramas, as mortes, os nascimentos, as separações, os reencontros, e principalmente os segredos. Tudo está em minhas mãos. Poderia apenas transcrever as cartas, despejar sobre o pobre do leitor o conteúdo da caixa, mas seria desleal. É preciso interpretar os momentos vividos a mais de cem anos, é preciso dar voz àquelas emoções, e mais, é preciso explicar o que fizeram Capitu e Sancha. Porque elas sempre fizeram tudo juntas com um único objetivo, e é este objetivo que pretendo demonstrar. Elas tiveram como motores as paixões e o amor, quanto ao objetivo era a satisfação e o prazer dos seus amados. Elas quase conseguiram, aliás, elas conseguiram por algum tempo. Porque nada dura para sempre em determinado momento elas se perderam e pagaram por isso.

A partir do próximo capítulo Ana Luiza praticamente desaparece e surge a estória de Capitu e Sancha – talvez esse fosse um bom título – espero que o leitor aprecie a narrativa, e que eu não cometa o pecado de interferir não mais que o necessário.

VII

BENTINHO

Ele não era só um menino, para Capitu eram todas as lembranças e todas as esperanças de um futuro maravilhoso. Mas como era tolo e ingênuo. Provavelmente ainda não tinha percebido o quanto ela estava apaixonada por ele e principalmente o quanto ele estava apaixonado por ela. São assim os primeiros amores, despercebidos, principalmente para os meninos.

E esta ideia de ir para o seminário era ridícula. Como um menino com aqueles olhos poderia ser padre, rezar a missa? Bentinho tinha os olhos úmidos, meninos de olhos úmidos tornam-se maridos fiéis e não pastor de ovelhas.

Será que precisaria marcar todo reboco do muro escrevendo os nomes dele e dela para que entendesse? Ele não seria padre, eles haveriam de casar-se, de serem marido e mulher, não importa o que fosse preciso fazer, ela faria.

Naquele dia ele entrou no quintal da casa de Capitu pelo portão que havia no muro que dividia as casas na rua Mata-Cavalos, passagem que só eles usavam, ele havia passado por ali diariamente provavelmente todos esses anos, tinham crescido juntos, e já havia algum tempo que ela fazia planos embora ele sequer pensasse nisto. Para ele, Capitu não passava de uma vizinha e companheira de brincadeiras, mas logo iria descobrir que ela era mais do que isto.

Bentinho era filho único e órfão de pai, isto mais a proteção exagerada da mãe, dos tios e do agregado tornavam-no frágil demais. Chegava não ter graça tantas às vezes que o convencimento das mentiras mais estapafúrdias. Ele acreditava em tudo que ela dissesse. Quando chegou dizendo do seminário e que não iria de maneira alguma, ela sabia que ele obedeceria a mãe e que se ela Capitu não impedisse, ele seria padre, talvez até bispo, apesar de seus olhos úmidos.

- É a estória do seminário, mas não vou, ninguém poderá me obrigar. Ele começou a jurar, por tudo e por todos. Ele jurava demais e cumpria promessas nenhuma. Seu olhar úmido implorava ajuda, apesar da boca que dizia ser capaz de tudo.

- Beata, carola, papa-missas!

Capitu disse por entre dentes, mas a expressão de seu rosto, a maneira como contorceu a boca, fez Bentinho ao seu lado ter a impressão de que gritava. Fez de propósito, para assustá-lo e tinha conseguido. Agora ele faria o que ela pedisse e ela pediu:

- Vais pedir a ajuda de José Dias, o agregado irá lhe ajudar.

- Como? Se foi ele que lembrou minha mãe da promessa, foi ele que insistiu para que ela me enviasse ao seminário logo?

- Não seja tolo, você lhe diz dois ou três elogios, mostra para ele que em breve será o dono da casa e ele fará o que você quer.

Capitu não acreditava que Bentinho tivesse coragem de se impor ao agregado, era ingênuo demais, fraco até, mas precisava começar a lhe impingir coragem pois necessitava dele para entrar naquela casa. O seminário estava fora de questão. Com o tempo ele tomaria coragem e faria o que ela mandasse.

Capitu tinha opinião formada sobre tudo e principalmente sobre todos. Ela ouvia atrás das portas desde que se entendia por gente, a princípio era mais uma brincadeira para passar o tempo e criar estórias a partir do que ouvia, mas como não podia comentar com ninguém ficava ansiosa e nervosa com a quantidade de informações que não podia usar para nada. Foi assim até conhecer Sancha. Em pouco tempo as duas passaram de colegas de escola para companheiras inseparáveis, e logo Capitu tinha com quem dividir suas informações. E foi assim que as duas começaram a tramar tudo.

VII

MAMÃE E PAPAÍ

Os pais de Capitu a deixavam confusa, não conseguia amá-los como gostaria. Sua mãe dona Fortunata era tão submissa. É verdade que todas as mulheres que ela conhecia também eram, mas ninguém tinha tanto poder sobre o marido como ela. Então por que não usava este poder? Ela lembrava sempre das longas conversas que ouvia, principalmente as que aconteceram na época em que Pádua fora administrador interino em sua repartição:

- Você precisa aproveitar e guardar o máximo possível, não sabe o dia de amanhã, o administrador retorna e você tem os ganhos reduzidos. Vai se acostumar como, se não tiver guardado?

- Isso ainda demora, e pode não acontecer nunca, por que se amofinar? Respondia o Pádua, sem muita convicção.

Deu-se que dona Fortunata tinha razão, o administrador um dia voltou e o Pádua teve o salário e o moral reduzidos. Pensou em matar-se. E se não fosse o poder de dona Fortunata e a intervenção da mãe de Bentinho teria dado cabo da vida.

Capitu o via na beira do poço e já naquela época o desprezava. Fora preciso duas mulheres a falar-lhe todas as horas para que descobrisse que era homem e tinha obrigações. Se ao invés de balançar o chapéu para todos na rua e gastar o que não podia tivesse ouvido dona Fortunata, na volta do administrador teria uma pequena fortuna.

Depois de uns tempos calou-se em si e já não pensava em terminar com a vida. Dedicou-se aos pássaros, aos quais cuidava mais que a Capitu e sua mãe. Dona Fortunata nunca lhe cobrou os desvarios e parecia que nada havia acontecido. Capitu nunca os perdoou e já naquela época teve um de seus primeiros pensamentos tenebrosos. A trama desenvolveu-se mais ou menos assim em sua cabeça de menina: o Pádua em seu desespero cometia suicídio, sua mãe dona Fortunata, apalermada e dependente do marido não resistiria e faleceria indo ao encontro de seu senhor, dona Glória mãe de Bentinho, que tanto tentou impedir a tragédia se acometeria de pena da pobre órfão e a adotaria levando-a para sua casa. Uma vez lá dentro e todos morrendo de pena dela, em pouquíssimo tempo expulsaria todos os agregados para fora da casa ou para fora da vida, então senhora da

situação impediria Bentinho de ir para o seminário e casaria com ele. É claro que depois disto desfrutaria de todas as propriedades e posição da família além do amor de Bentinho.

Durante muito tempo estes pensamentos e planos assustaram Capitu, até que passou a dividi-los com Sancha. A partir de então não só se sentia capaz de realizar qualquer destes planos, como se sentia forte e poderosa à medida que a amiga transformava simples ideias em planos fantasticamente infalíveis.

VIII

O AGREGADO

José Dias durante muito tempo assustou Capitu pela maneira que a olhava. Sempre que a encontrava, principalmente longe das vistas de familiares tinha a mesma expressão no rosto. Costumava franzir a testa na vertical como se quisesse juntar os dois olhos e transformá-los em um só. A frase que pronunciava e a sensação de que ele iria ter um ataque e começar a babar eram sempre as mesmas:

- Esta menina tem tão pouca idade e já parece uma mulher, está desenvolvendo rápido.

Foi Sancha quem chamou sua atenção para os modos do agregado e reparou que ele usava superlativos para tudo menos para se referir a ela ou ao seu *desenvolvimento*.

- Isso é uma maneira inconsciente de esconder um sentimento, aposto que ele sente algo por você, mas por saber que não possui recursos procura abafar seus desejos e teme que o uso dos superlativos possa levantar suspeitas. Uma hipótese de falta de respeito da parte dele pode colocá-lo fora daquela casa. Isso para o agregado seria o fim.

José Dias entrou na família de Bentinho com uma mentira e mesmo depois de descoberto continuou lá. A mentira foi tola, fez-se passar por médico homeopata, mas quando seria descoberto dizem que confessou arrependido, pediu para partir, mas o deixaram ficar pois havia curado um empregado. O Pádua e alguns de seus amigos diziam que o pai de Bentinho, quando era da política, usou o agregado para se livrar de alguns desafetos, por isso ele continuava na casa. Dona Gloria por medo, ou respeito ao falecido marido, o mantinha lá. Capitu achava que ele devia saber demais ou teria talvez substituído o falecido porque a mãe de Bentinho o ouvia demais. Talvez não fosse nada disto, afinal ele nunca se impôs, apenas bajulava e se insinuava quando queria algo. Nunca era direto ou incisivo, dava voltas, como uma cobra que pretendesse sufocar a vítima. O fato é que conseguia o que queria. Mas ele tinha muito a aprender com Capitu e Sancha nos próximos anos.

IX

DONA GLÓRIA

A mãe de Bentinho ainda era muito bela, tinha os olhos como os do filho embora não fossem úmidos, a mesma beleza e a mesma profundidade do olhar, mas eram secos e sem brilho, davam a impressão de que nunca haviam de chorar. Tinha perdido o marido no auge da vida, dizem que eram apaixonados além do que ele começava a brilhar na política e já havia alcançado um belo patrimônio. Ele a deixou muito bem, uma bela fazenda, escravos, propriedades. Mas parece que para ela nada poderia substituí-lo, nada tinha valor, a não ser o filho. Havia desejado aquele filho muito antes de conhecer o marido. Há mulheres que vem ao mundo para serem mães e o simples sinal de que não poderão ser as enlouquecem. Dona Gloria ficou assim quando o primeiro filho nasceu morto, à beira da loucura. Foi então que fez a promessa de que se Bentinho vingasse o entregaria para o sacerdócio. Ele vingou e Deus como que para testá-la fez o menino com olhos úmidos, olhos de marido não de padre. Ela mesma já não queria cumprir a promessa, pois se quisesse não contaria para todos, da família ou não, como se pedisse ajuda ou solução para revogar junto a Deus o destino do filho, destino que ela hoje desejava fosse cumprido ao seu lado. Mas tinha medo de Deus e da não salvação sua e de seu filho.

- Deus não me pediu nada, fui eu que ofereci, além do mais a carreira de padre é muito bonita, Bentinho há de cumprir o seu destino. Repetia para todos sem nenhuma convicção.

Capitu sabia que por ter medo de Deus e da igreja, dona Gloria seria a pedra mais difícil de retirar do caminho. Porque além do filho que a obedecia, ela era forte, muito forte. Depois da morte do marido tomara as rédeas da casa como um homem, fazia os aluguéis, controlava os empregados e não perdia nada de vista. Havia trazido o irmão e a prima viúvos como ela para junto de si, bem como havia mantido o agregado mesmo que isto desse motivo a falatórios. Mas Capitu sabia um segredo seu e iria usar este trunfo na hora certa. Não era algo que pudesse cobrar na presença de outros, mas podia na intimidade, numa conversa entre duas

mulheres ela certamente ficaria constrangida, e um mulher acuada é capaz de ceder a qualquer pedido.

Capitu não só ouvia atrás das portas como também espreitava pelas janelas. Foi numa destas vezes que viu dona Gloria a se acariciar a luz da lua numa noite quente. Com certeza ela sentia falta de ter um homem ao seu lado e em sua cama. Em quem ela estaria pensando, no marido morto ou no agregado?

Era final de dezembro, a noite quente como o inferno, uma lua cheia atravessava a cidade com sua luz prateada. Capitu não conseguia dormir, tomada de um calor sufocante saiu de casa e caminhou por seu quintal entre as sombras da noite, atravessou o portão que separava a sua casa da dos vizinhos enquanto imaginava formas de animais fantásticos desenhados pelos reflexos nas árvores. Quase sem perceber pendurou-se na janela e espiou por entre as cortinas. Uma leve brisa soprava os tecidos rendados que cobriam a janela aberta espalhando luz por sobre a cama. Lá dona Gloria sob um fino e transparente lençol se contorcia com a mão direita acariciando os seios nus enquanto a esquerda desaparecia por entre as coxas. A cena de nudez não impressionou tanto Capitu quanto os olhos daquela mulher. Não eram bem os olhos e sim o olhar. Fixo em algum ponto muito distante como se ansiasse por algo que jamais conseguiria alcançar. Capitu fugiu assustada, não entendeu bem o que acontecia naquele quarto, mas sabia que dona Gloria não era tão invulnerável quanto tentava parecer, e saber disto poderia ser muito útil no futuro.

X

COSME E JUSTINA

O tio de Bentinho e a prima de sua mãe não tinham sequer luz própria. Ambos os viúvos, pareciam ter terminado a missão de viver e se arrastavam aborrecidos através dos anos esperando o fim de suas ridículas trajetórias. Estavam na casa a pedido de dona Gloria, mas poderiam estar em qualquer lugar que para eles seria indiferente. Cosme algumas vezes falava como homem da casa, no entanto nem o agregado o ouvia com interesse, era mais por respeito pela irmã, a verdadeira dona da casa, que o aturavam, não importunava e tinha-se a impressão de que se desaparecesse no fundo da Baía de Guanabara não dariam por falta dele naquela casa. Já Justina era o lado negativo de tudo que se dissesse ou pensasse. Passava o tempo buscando defeitos nas pessoas e não se furtava de comentá-los. Respeitava e poupava apenas a prima, não por medo dela, mas por não ter recursos para se sustentar. Fora daquela casa teria que buscar a sobrevivência e permanecendo ali seria muito mais fácil conseguir outro marido. Ansiava por isto, talvez para ter liberdade de falar mal da prima. Nunca seria um problema, pois falava mal de todos e depois de algum tempo ninguém a ouvia ou dava importância a seus comentários.

XI

GURGEL

Sancha tinha medo dele, Capitu o odiava. Gurgel era pai de Sancha e todos sabiam de sua admiração pela filha única. Chegou a dizer que se mataria durante uma febre que acometeu a filha:

- Se perco minha Sanchinha, mato-me, não tenho mais nada neste mundo e então não precisarei viver.

Gurgel era comerciante com armazém na rua da Quitanda, não era rico, mas tinha boa condição financeira, uma boa casa, alguns imóveis alugados. Com a viuvez dedicou-se inteiramente a filha, tanto que relaxou com a própria aparência e já apresentava uma barriga bastante avantajada. Além da barriga tinha a testa grande acentuada pela calvície que começava a se fazer presente e os olhos esbugalhavam-se sob as sobrancelhas grossas como se tivessem escapado das órbitas e tentassem saltar da face. Todo este conjunto mais as maneiras pouco corteses que mantinha longe das visitas – usava de liberar sua flatulência a mesa e a noite na sala de leitura – tornava-o assustador e grosseiro.

Mas ele também tinha seus segredos e as duas apesar de assustadas sabiam e conversavam sobre isto. Sancha reclamava que ele a acariciava demais e várias vezes percebeu que a observava as escondidas quando estava no banho. Não era raro que ele a pedisse para se sentar em seu colo enquanto lia para ela. Ela percebia sua excitação e o volume que insistia em crescer sob suas calças. Seu rosto ficava vermelho e gotas de suor escorriam por sua testa, ele perdia a concentração na leitura e arfava como se respirar fosse a coisa mais difícil deste mundo. Sancha o olhava assustada e enojada, ele a encarava e parecendo voltar de um sonho tenebroso e envolvente, dava por encerrada a noite e a levava para a cama. Quando ele se despedia, já na cama, ela podia ainda ver o volume dentro de suas calças e percebia que ao beijá-la ele acariciava demoradamente seus seios que não passavam ainda de pequenos limões. Ele era nojento, porém nojo maior ela sentiu quando numa daquelas noites levantou-se pouco depois que ele se despediu e o seguiu até seu quarto. A cena que assistiu pela fresta da porta foi chocante e confusa. Devido a pouca luz proporcionada apenas por uma vela já gasta colocada sobre o criado mudo

a visão era de sobras se contorcendo sobre a cama. Sancha via aquela barriga imensa e a mão que desaparecia abaixo dela indo e voltando. Gurgel arfava e suava tanto que ela pensou em buscar ajuda pois tinha a impressão de que iria morrer de algum mal causado pelo demônio que havia invadido seu corpo. Depois viu brilhar a luz da vela o jato de um líquido amarelado que se projetou por cima da enorme barriga peluda, e tudo pareceu ter parado. Apesar da calma que sucedeu o esguicho e fez Sancha acreditar que o demônio tinha abandonado o corpo de seu pai junto com aquela gosma amarelada que se espalhava por sobre sua barriga, nada evitou que ela corresse para o banheiro e vomitasse todo jantar.

- Bem pode ser essas coisas da religião dos escravos. Disse Capitu também assustadas e com nojo quando Sancha lhe contou o ocorrido. Ou talvez seja uma forma de penitência por estar bolinando a própria filha.

- Será que é algum ritual para espantar demônios do corpo?

- Talvez, o demônio tem muitas formas, e bem pode ter a forma líquida e gosmenta que você assistiu abandonar as entranhas do nojento.

Elas só entenderiam o que aconteceu naquele quarto depois de alguns anos, e neste dia ririam muitas vezes de sua ingenuidade de meninas.

XII

SANCHA

Capitu não tinha muitas amigas, a maioria das moças de sua idade achava que ela era esnobe e mandona, afastavam-se dela. A princípio era amiga apenas de Paula, mas achava que ela era menina demais, boba até. Usou a amiga diversas vezes como mensageira e a tola nunca reclamava. Foi através dela que conheceu Sancha e em pouco tempo as duas abandonaram todas as outras amigas e se tornaram inseparáveis. Capitu sempre dizia:

- A única coisa que prestou vindo de Paula foi ela nos aproximar, a tola ainda me procura e quer minha amizade, mas como ter com ela e conversar? Pois que só pensa em rezar e ir à igreja, não vê o mundo que gira a nossa volta.

Paula acabou por se afastar e só reencontrou Capitu muitos anos depois, numa rua, quem diria, na Suíça.

Sancha não era bela como Capitu, mas tinha uma espécie de luz que brilhava onde passasse, não podiam deixar de notar sua presença, ela sabia disto e se aproveitava fingindo inocência e timidez. No entanto quando se recolhia aos cantos era para observar a todos. Costumava avaliar as pessoas e gostava muito de provocar os rapazes com olhares fugidios e gestos rápidos. Quando conheceu Capitu a afeição foi instantânea, estabeleceram quase que imediatamente uma relação de confiança e despejaram uma sobre a outra uma montanha de segredos e confidências.

O pai de Sancha dizia a todos que o visitavam que Capitu tinha o rosto de sua falecida mulher, Sancha não concordava, para ela as duas eram completamente diferentes, porém firmaram uma amizade tão forte que tinha certeza jamais teria com a mãe, mesmo que a pobre tivesse vivido mil anos.

De segredos e confidências passaram a cúmplices e a intimidade cresceu assustadoramente. As duas passavam muito tempo sozinhas, as tardes eram longas. Nas tardes quentes de verão com o pai no armazém a cuidar dos negócios, os empregados preocupados com os afazeres diários, as duas trancavam-se no quarto de Sancha com a desculpa de fazerem os deveres da escola e entregavam-se a conversas e descobertas íntimas.

Começaram falando dos pais, das conversas ouvidas atrás das portas, passaram por seus medos da igreja e do inferno, foram até as normas que tinham de seguir, até que chegaram as dúvidas quanto a suas sexualidades e o papel que teriam de desempenhar para seus maridos. Algumas vezes falavam das mudanças que estavam ocorrendo com seus corpos e chegaram até a ficar nuas na frente uma da outra, não havia vergonha entre elas muito menos medo ou timidez. Deixavam-se ficar sobre a cama completamente despidas a observarem seus corpos de pele clara e macia, vez por outras trocavam carícias e com a intenção de aprenderem a beijar tocavam-se nos lábios suavemente e este contato aquecia ainda mais aquelas tardes. Outras vezes, ainda nuas se sentavam ao tocador e penteavam uma os cabelos da outra. O contato da escova a deslizar pelos longos cabelos, os seios a roçar nas costas nuas provocava um prazer indescritível nas duas. E as tardes deslizavam longas, serenas e prazerosas.

Quase sempre estavam enfadadas com o presente, por isso as conversas sempre passavam por uma previsão do futuro. Numa destas tardes Sancha estava a pentear os cabelos de Capitu e conversavam mirando-se no espelho do toucador:

- Será que nossos maridos serão como meu pai, o senhor Gurgel?
Dizia Sancha com preocupação.

- Não creio, até porque somos diferentes das senhoras que conhecemos. E o meu Bentinho na certa é bastante atencioso e carinhoso.
Dizia Capitu com os olhos brilhando.

- Capitu, você precisa esquecer Bentinho, na certa ele irá para o seminário e se tornará padre, não tem como evitar.

- Tem sim, e já estou providenciando isto me aproximando de dona Gloria. Vou descobrir um meio daquela carola esquecer esta tola promessa nem que tenha de contar para o mundo os seus segredos.

Quando falava sobre isto seus olhos faiscavam de uma forma tão estranha que assustava a própria amiga, ela imaginava que saber das auto carícias de dona Gloria nas noites de lua cheia era como possuir uma arma de fogo, que podia ser disparada e atingir todos os familiares e conhecidos como uma fantástica explosão.

- Não vou desistir de Bentinho, nós iremos nos casar e vou fazê-lo muito feliz.

- Bom, então teremos de pensar em convencê-lo a não ir para o seminário.

- Convencê-lo como? Ele vive divagando, já pensou até em ir ao Papa para que ele interceda.

- O Papa! Em Roma! Isto demoraria muito e é quase impossível.

- Pois veja você até onde vai o meu desespero, pois tenho que pensar e fazer tudo sozinha.

- Porque você não o deixa te beijar, assim vocês teriam um compromisso e ele teria que se casar com você? A ideia surgiu repentinamente e na mesma velocidade foi exposta.

- Sancha, se depender dele eu vou estar de cabelos brancos com cem anos e ele não tomou a iniciativa de me beijar. Bentinho é muito respeitador. Disse e sorriu com a própria lembrança.

- Pois tome a iniciativa você, deixe-o se aproximar e o beijo acontecer, se você fizer direito ele pensará que foi ele que te beijou.

- Mas podem nos ver, ele não sabe dissimular, fica tudo estampado em seu rosto e cora de vergonha, o pobre.

- Pois que vejam, tanto melhor, assim o compromisso se fará mais rápido com testemunhas, afinal você é uma menina moça, é uma dama. Disse e sorriu zombeteiramente.

- Acho que sei como fazer. Seus olhos começaram a faiscar novamente.

- E como será? Quis saber Sancha já nervosa.

- Vou deixá-lo pentear meus cabelos, como você está fazendo, então quando ele estiver concentrado no trabalho inclino a cabeça para trás e o beijo.

Enquanto falava inclinou lentamente a cabeça para trás e antes que completasse o gesto a amiga também se inclinou e tocou seus lábios com os delas.

O contato dos lábios quentes, o aroma de flor que emanava das duas, o roçar dos seios de Sancha na nuca de Capitu, toda a cumplicidade e intimidade do gesto, tudo isto fez com que ambas estremecessem e demorassem um pouco mais que o de costume naquela carícia.

Bentinho não sabia e jamais saberia, mas naquele momento a ideia de transformá-lo em sacerdote tornou-se extremamente absurda. E além do mais ele tinha os olhos úmidos. Olhos de marido.

XIII

O SEMINÁRIO

Bentinho foi beijado e conforme o plano acreditou que havia tomado a iniciativa. A partir daquele beijo mudou completamente. A impressão que Capitu tinha era que ele se transformara em um vulcão que entrava em erupção a cada trinta segundos. Um homem de verdade e não mais um menino. No entanto o problema principal não fora resolvido, Bentinho foi para o seminário.

- Mas foi com a convicção que jamais será padre. Sancha parecia não ter dúvidas e tentava passar isto para Capitu.

- Mas agora sinto tanto a falta dele e de seus beijos.

- Beijos? Então não foi um apenas?

- Não, ele ficou a me cercar todos os dias, parecia ter perdido aquele medo de menino, então deixei que acontecesse outras vezes.

Capitu deixava-se divagar e lembrava-se que o sabor que sentiu ao tocar os lábios de Bentinho fora diferente de qualquer coisa que ela havia experimentado antes, fosse fruta, fossem os lábios de Sancha durante as carícias da amiga. Eram beijos de homem, eram beijos desejados, esperados. Mas ele estava no seminário e poderia voltar padre, aquela sensação maravilhosa poderia ficar apenas na lembrança, ela tinha que evitar que isso acontecesse, mas não sabia exatamente como. Sancha a despertou de seus pensamentos:

- Capitu, se aconteceu outras vezes na certa alguém os viu? A curiosidade de Sancha era enorme e estava incomodando Capitu.

- Não, acho que não. Ele ficou afoito e isto o deixou desatento, mas eu continuei cuidando por nós dois.

- Mas se ele se interessou tanto, na certa não será padre, pois que seus pensamentos estão em sua boca e não nas santas Escrituras.

- Espero que sim, mas sua ausência e o fato de estar longe dos meus olhos me deixa insegura. Pensou em chorar, mas não queria que Sancha visse suas lágrimas, talvez outra hora, outro lugar, mas agora não.

- Pois então continue a deixá-lo com vontade de se casar e não de rezar a missa, uma hora ele não aguenta e abandona o seminário.

- Parece fácil, e seria se eu não sentisse tanta falta dele. Nos últimos anos nos víamos praticamente todos os dias. Falou dos últimos anos e imediatamente lhe veio à cabeça o som das brincadeiras, das cantigas de roda. Foi então que percebeu que sentia falta não só dos beijos roubados, mas da própria presença dele.

- Mas ele vem todos os sábados, não?

- Vem sim, mas é tão pouco e não são todos os sábados. Mesmo quando vem, você precisa dar atenção aos familiares, contar do seminário, das aulas, dos amigos.

- Você está com ciúmes, Capitu?

- Não são ciúmes, sinto é muita falta dele. Se bem que ultimamente fala muito de um amigo do seminário.

- Capitu, você está com ciúmes de um seminarista?

- Não estou não, mas é que Bentinho é bobo, confia em qualquer um, tenho medo de que fale sobre nós, que chegue aos ouvidos de dona Gloria, ela está tão minha amiga, isto podia estragar tudo.

- Aquela você já conquistou, mais um pouco ela tira o filho do seminário e o colocar no altar ao seu lado. Mas quem é este amigo de quem ele fala tanto?

XIV

ESCOBAR

- Chama-se Escobar, e Bentinho parece confiar muito nele, creio que até falou de nossos beijos.

- Você já o viu? Como ele é? Sancha parou de escovar os cabelos de Capitu e sentou-se ao lado da amiga, como se um repentino interesse houvesse tomado conta dela.

- Sim, eu já o vi e ele é muito bonito. Falou e corou imediatamente, só não foi vencida pela vergonha porque a amiga também corou ao ver sua ousadia.

- Ele também será padre como Bentinho?

- Diz que não.

- Como não?! Se está no seminário há de ser padre, não?

- Bentinho contou-me que ele também não tem vocação, só está lá por causa do pai. O pai é advogado em Curitiba e tem um amigo comerciante aqui que se corresponde e cuida dos interesses do moço. Mas porque tão repentino interesse, Sancha?

- Não foi repentino. Eu o conheci no domingo, na missa, o correspondente é amigo de meu pai e fomos apresentados na igreja da Candelária. Minhas pernas tremeram quando me cumprimentou, achei que era pecado sentir as pernas bambas por um padre, mas se não tem vocação bem que podíamos nos conhecer melhor. Talvez você possa pedir a Bentinho para ajudar?

- Calma Sancha, o pobre ainda está no seminário. Precisamos tirar o Bentinho e ele de lá, então talvez tenhamos dois casamentos.

As duas conversaram tanto aquela tarde que o senhor Gurgel as encontrou ainda no quarto quando chegou à noite. Capitu não pode voltar para casa por causa do avançado da hora, então se mandou um preto até sua casa avisar que ela retornaria no dia seguinte após as aulas.

Capitu dormiu no quarto de hóspedes e aquela noite teve um sonho muito estranho com Bentinho e Escobar. No sonho os dois usavam batinas negras com fundos roxos, vinham abraçados caminhando do passeio em direção à rua Mata-Cavalos, mas quando passavam embaixo do aqueduto olhavam para os lados e como não avistavam ninguém trocavam um

demorado beijo. Capitu e Sancha que estavam em cima do aqueduto espreitando os dois se entreolhavam e assustadas com a cena das bocas se amassando em demorada carícia perdiam o equilíbrio e caíam aos pés dos dois. Eles se assustavam ao perceberem que foram descobertos por elas, mas vendo que as duas estavam possivelmente mortas ali no chão beijavam-se novamente e iniciavam uma dança macabra ao redor dos corpos inertes. Balançando as batinas como asas de morcegos cantavam uma canção que Capitu nunca havia ouvido antes: “Sinhazinha caiu, caiu do céu, sinhozinho subiu, subiu pro céu.”

Ela acordou tão assustada que apesar de não entender o significado do sonho jamais conseguiu esquecê-lo. Nunca ouviu a canção outra vez, contou o sonho para a amiga que achou engraçado, mas também não conhecia a canção. Durante muitos anos pensou naquele sonho e por mais estranho que parecesse o que mais a intrigava e a deixava assustada não era o beijo entre os dois padres, mas a macabra canção.

“Sinhazinha caiu, caiu do céu, sinhozinho subiu, subiu pro céu.”

XV

INTERRUPÇÃO.

Neste momento peço licença ao enfadado leitor para falar um pouco de sonhos e da rua do Riachuelo, ou melhor quero falar de um poema.

Desculpe-me caríssimo leitor por trazê-lo repentinamente de volta ao século vinte e um sem avisá-lo, mas é que me sinto como Capitu, perseguida por um sonho. Durante muitos anos sonhei que meu pai voltava do fundo do mar envolto em uma mortalha de algas podres e fedorentas, ele tentava me abraçar e eu corria pela praia sem olhar para trás, corria e afundava na areia macia até sentir suas mãos frias tocarem minhas costas, então acordava tremendo de medo e de frio não importando se estávamos no inverno ou no verão, sempre sentia frio. Um frio interno que parecia brotar de minha alma. Durante anos fui refém desse sonho que insistia em não querer me abandonar. Eu, como Capitu, contei e escrevi diversas versões dele e não conseguia me libertar, até que um dia no ano passado em setembro fui a uma festa na Fundação Progresso ali no Largo da Lapa, voltando para casa com o dia quase claro observei todo o caminho que separa os Arcos da Lapa e o meu prédio e percebi os tipos que habitam a madrugada nas esquinas que me cercam. Ao chegar em casa pus-me a escrever um poema sobre a rua e seus habitantes noturnos. Não sou de escrever poemas, acho até que nunca aprendi a escrevê-los, falta-me inspiração e capacidade mesmo, mas o fato é que o escrevi quase num rompante, é um poema imediato e depois que o escrevi nunca mais fui incomodada pelo sonho, ele simplesmente sumiu de minha vida. Às vezes quando me deito, num desejo masoquista tento adormecer já iniciando o sonho, mas nem assim ele volta. Fiquei curada, fui curada por um poema.

Por tudo isto e num gesto que acredito seja de gratidão vou inseri-lo neste capítulo. Espero que o leitor goste pois apesar de ser um poema triste tem o conteúdo de nossos tempos, repleto dos fantasmas que nos cercam. É um poema que mostra um pedaço da verdadeira rua que no passado abrigou pessoas doces como Capitu, mas também era habitada pela dor de um leproso que de certa forma foi amigo e contemporâneo de Bentinho. Mas não vamos confundir os séculos, vamos ao poema.

Fantasmas de Rua

Passo a passo olhos me vigiam, olhos de mundos distintos. Em cada esquina um fantasma espreita. Agora percebo, não é a mim que procuram e sim a eles mesmos. São fantasmas transvertidos de gente ocupando corpos fracos e indefesos. São plasmas, são vermes. São arremedos de humanos, mas não são humanos, estão em humanos. Parasitas.

É apenas uma rua e tantas esquinas que formam a existência destes fantasmas. Perdidos em encruzilhadas, vestidos de prostitutas, viciados em gente, em corpos. Viciados em viver apesar da inútil existência.

Arrastam-se pelas madrugadas a procura de algo que já não existe há muito tempo, prazer. Buscam a alegria e encontram a dor disfarçada e interesseira. A dor insistente. A dor penitente. Feridas a flor da pele.

São condenados a estarem aqui por todo o sempre, presos a esta rua, em busca de corpos, em busca de si, girando em um círculo que nunca se fecha.

Durante o dia, como vampiros não existem, não são vistos, abandonam os corpos doentes e mergulham nas sombras e becos de uma outra rua que só eles habitam. Não se misturam, são solitários. Seus corpos ficam jogados nas soleiras das portas, junto ao lixo, inertes, bêbados, à espera da noite e de uma próxima ocupação. Órfãos.

Vagueiam de sombra em sombra fugindo do sol, evitando a luz natural. Nômades.

Quando chega a noite buscam agrupar-se, buscam o brilho através das roupas, através das lâmpadas, através das drogas, mas não são reais, são fantasmas, fantasmas abandonados.

Fantasmas de rua.

Voltemos ao século dezenove e perdoem-me pelas distrações,
caríssimos leitores.

XV

O SUBSTITUTO

Com o tempo todos se conheceram e ficaram amigos, Capitu, Bentinho, Sancha e Escobar.

As coisas simples quase nunca são percebidas com facilidade, as pessoas tendem a buscar complicações, tendem a misturar seus interesses complexos com a solução de pequenos problemas, com isso desviam a atenção e não conseguem enxergar um palmo a frente do nariz. Por causa disto às respostas ficam sobrevoando as cabeças e não conseguem pousar, e se pousam misturam-se às ideias e não são percebidas.

A solução estava tão próxima que ninguém conseguia vê-la, bastou Bentinho se abrir com Escobar, contar de seu desespero, bastou que ele conhecesse dona Glória e suas ansiedades, para que sugerisse o que todos - Bentinho, Capitu, Sancha e o agregado - buscavam havia tanto tempo. Escobar com sua simplicidade e inteligência colocou suavemente sobre a mesa a solução:

- Se Bentinho não tem vocação dona Glória pode substituí-lo, ela só precisa adotar um moleque e levá-lo ao seminário, assim Bentinho segue seu caminho estudando as leis e a promessa de entregar um menino para as obras de Deus, feita por dona Glória, será cumprida.

Todos pareciam perplexos, era tão simples e claro que se a ideia fosse comunicada a todos ao mesmo tempo, com certeza ouviríamos um sonoro oh! Mesmo dona Glória que só aceitou a ideia após consultar o vigário ficou contente.

Todos ficaram felizes com a solução, todos menos o agregado, que sonhava com uma viagem a Roma acompanhando Bentinho e sua ideia estapafúrdia de consultar o Papa, mas retornou logo para suas manobras visando manter-se naquela casa e demonstrou alegria incontida, buscando disfarçar sua frustração.

Ah, o tempo! Como ele muda as pessoas, como fazem-nas crescerem. E como as pessoas mudam quando crescem.

Capitu e Sancha não mudaram uma com a outra, a amizade e os segredos trocados cresceram com o tempo, porém os assuntos e as necessidades de cada uma mudaram completamente. Agora já não

trocavam intimidades e carícias com tanta frequência, uma ocupada a dar atenção para dona Glória buscando sua amizade e apoio num futuro casamento com Bentinho, a outra a manipular e encorajar seu Gurgel para que atraísse Escobar, com o mesmo intuito de casamento. As duas sempre que podiam traçavam planos numa direção e na outra. Estavam alcançando sucesso e isso as faziam crer que podiam tudo desde que a maior dificuldade fosse apenas manipular pessoas. Tinham coragem, mas nem tudo dá certo sempre.

O rumo que suas vidas estavam tomando levariam qualquer um a crer que elas seriam felizes. Que tudo continuasse assim.

Bentinho saiu do seminário com dezessete anos e foi estudar direito, aos vinte e cinco era advogado e usava bigode, não tinha mais aquele jeito de menino, mas os olhos ainda eram úmidos. Estava pronto para casar-se.

XVI

OS CASAMENTOS

A felicidade que Capitu sempre almejou finalmente tomou conta de sua vida. Era uma sensação nova e extremamente boa. Tinha seu amado como esposo, tinha sua própria casa e empregados, tinha bens e um futuro a seu alcance. Estava feliz? Completamente feliz, mas agora isso já não era o bastante, precisava ter mais.

Sancha e Escobar casaram-se alguns anos antes, os casais estavam se estabilizando. Escobar tinha alcançado seu sonho e tornara-se comerciante. Iniciou seus negócios comprando e vendendo café com ajuda de um empréstimo feito por dona Glória. Na época soube-se que ele havia pensado em desposar a mãe de Bentinho, mas com o aparecimento de Sancha o envolvimento dos dois não passou de um negócio comercial, além do mais havia a diferença de idade como empecilho.

Bentinho formou-se em direito e com ajuda de Escobar e de outros amigos da família não teve dificuldades em começar a trabalhar e construir seu futuro.

Nos primeiros anos de casamento Escobar e Sancha moravam no Andaraí e depois se mudaram para a praia do Flamengo, Capitu e Bentinho moravam na Glória. A amizade entre os casais que já era grande, tornou-se enorme com a proximidade, pois estavam um na casa do outro apenas com uma caminhada pela praia.

O casamento trouxe para as duas amigas um mundo de novidades, havia bailes, havia passeios, havia olhares de inveja. O tratamento dispensado pelos amigos, pelos conhecidos e pelos familiares, era completamente diferente, agora eram senhoras casadas.

Capitu e Sancha continuavam a passar muitas tardes juntas, já não agiam como antes pois não havia necessidade, mas as conversas e troca de confidências eram agora ainda mais intensas.

Numa dessas tardes conversavam sobre seus maridos e o fato de Sancha desconfiar de uma suposta traição.

- Ele tem estado muito estranho, na verdade não é o mesmo desde que nossa filha nasceu. Sancha parecia realmente preocupada.

- Mas ele me parece um pai muito amoroso. Disse Capitu.

- Com certeza que sim. Com a filha não tenho do que me queixar, mas comigo está distante, não é o mesmo, mais parece que perdeu o interesse, há várias noites que já não me procura. Falou e mesmo com tanta intimidade com a amiga corou levemente.

- São fases, coisas de homens, querida amiga, logo passa. Tentava consolar a amiga embora não acreditasse verdadeiramente no que dizia.

- Não creio, há outras coisas. Às vezes chega tarde em casa e fala de trabalho, mas tem os olhos de quem furtou, me parece dissimular, esconder alguma coisa. Então se tranca no escritório e só vai para a cama quando tem certeza de que estou dormindo, foge de mim. Deu a impressão que iria chorar, mas se conteve, não queria preocupar a amiga.

- Os homens têm outras necessidades que desconhecemos talvez precise se afastar um pouco para avaliar as mudanças de sua vida, a paternidade por exemplo, mas nunca irá negligenciar a esposa e a família. Principalmente seu esposo que frequentou o seminário. Falava buscando ser convincente, mas não acreditava muito em suas próprias palavras.

- Talvez a amiga tenha razão, mas sinto falta de seus carinhos, sinto falta de nossas conversas. Até das conversas a noite ele tem fugido. Agora uma lágrima rolou, mas ela enxugou disfarçadamente.

- É preciso ter paciência, não há de ser nada, logo, logo a vida volta ao normal. Tinha percebido a lágrima insistente da amiga, mas não sabia como ajudar, estava se repetindo sem convicção.

- Talvez tenha razão, fico me amofinando por pouco, com o tempo tudo se ajeita. Falou querendo encerrar o assunto pois já não estava conseguindo conter as lágrimas.

Capitu despediu-se e voltou para casa perguntando-se: “Porque eram tão íntimas e não conseguiam falar abertamente do relacionamento com seus maridos?”. Repentinamente, no meio do caminho para casa sentiu-se estranha e só. Faltava-lhe algo. Talvez uma intimidade diferente da existente entre marido mulher, intimidade esta que ela e Sancha por mais amigas que fossem jamais chegariam a ter. Queria ajudar a amiga, na certa Escobar estava flertando com outra mulher, mas nunca conseguiria dizer ou se quer conversar sobre isto, não conseguia afastar a vergonha de admitir que os maridos traem. As mulheres não discutiam isto nem mesmo entre elas, nem mesmo entre amigas e confidentes. Pensou em voltar a casa da amiga e falar não só que o marido dela provavelmente tinha uma amante, mas que ele jamais admitiria ou discutiria com ela a possibilidade,

mas que elas podiam e deviam falar sobre isto e mais, tomar uma posição quanto a mudar esta situação, não podiam ficar sofrendo com a ideia de rejeição como se tivessem cometido um crime ao gerar e criar filhos para os seus maridos, como se fossem culpadas pelas traições deles. Eram ideias avançadas e não seriam aceitas ou compreendidas, por isto era melhor prosseguir no caminho para casa onde estaria à noite aguardando seu marido e senhor. Talvez por isto estivesse se sentindo estranha e só.

XVII

SOLIDÃO

Capitu chegou em casa e sem se importar em dar explicações aos empregados não quis almoçar e trancou-se no quarto. Era cedo, Bentinho só chegaria à noite, poderia ficar algumas horas entregue aos seus pensamentos. Enfiou-se na cama completamente nua, sob lençóis os pensamentos pareciam buscar uma explicação para os sentimentos de insegurança e solidão.

A muito vinha lutando com suas sensações, a muito sabia o que estava acontecendo, mas instintivamente tentava evitar, porém agora, se acariciando como um dia observou dona Glória fazer, tinha certeza e estava admitindo que precisava de mais amor, muito mais do que Bentinho lhe havia dado nestes dois anos de casamento. Era apaixonada por ele, não o perderia por nada, gostava e sentia prazer quando ele a procurava por isso não entendia o que estava buscando. Talvez a sensação de prazer que sentia quando se tocava e podia prolongar os carinhos, enquanto com ele as carícias terminavam antes do tempo. Sempre queria continuar, fazer mais um pouco, mas ele havia terminado e custava a reiniciar, era bom, mas parecia ficar faltando algo. Depois da conversa com Sancha concluiu que homens e mulheres não eram diferentes neste aspecto, a diferença era que eles podiam ir em busca de suas necessidades enquanto as mulheres se fechavam em insatisfação e não conseguiam, por criação ou medo mesmo, sequer conversar sobre o assunto. Muitas vezes nestes dois anos pensou que tudo isto fosse bobagem, que só os maridos tinham o direito de ter necessidades e que as esposas tinham que se contentar em gerar filhos e oferecer satisfação a eles. Agora sabia que não era assim, ela precisava de certa intensidade de carinhos que seu marido por mais que a amasse não conseguia dar. Era preciso buscar em outro lugar, o que significava deitar-se com outro homem, mas isso era impossível, nenhuma mulher casada poderia aceitar sequer ser tocada por outro. Ainda existia o ciúme de Bentinho que a observava em todas as aparições públicas quando havia o contato durante uma dança ou mesmo cumprimento. Não, seria impossível satisfazer qualquer desejo que não envolvesse apenas o marido, e mesmo assim dependendo do desejo seria vergonhoso pedir ao próprio esposo. Por

ser mulher estava encurralada e trancada em seus próprios desejos. O prazer e a satisfação do corpo eram improváveis porque todos consideravam impossível que mulheres casadas quisessem encontrar a alegria do prazer a dois. Era injusto, mas era assim.

Capitu lembrou-se de sua mãe e do poder que ela tinha sobre o marido, lembrou-se também que ela jamais usou este poder. Pensou que ela seria diferente porque iria usar todos os meios para descobrir se o que buscava de satisfação poderia ser alcançado com outro homem. Seu corpo vibrava quando pensava na possibilidade de ter outro homem além de Bentinho. Não precisaria sequer procurar o homem que desejava, o homem pelo qual ela sentisse uma atração tão forte a ponto de arriscar tudo por uma noite com ele. Este homem já era conhecido e estava ao alcance de suas mãos, bastava esticar os braços depois de manipular algumas situações e então poderia tocá-lo, e se ele fosse o que ela imaginava seus desejos seriam satisfeitos imediatamente. Pensou com tanta força em Escobar que sua mão deslizou para o púbis e seu dedo médio tocou a região superior da vagina com enorme sofreguidão, o seu corpo estremeceu intensamente e a sensação que ela sentiu era comparável a um tremor de terra.

XVIII

UM PLANO

Capitu pensou em seduzir Escobar, talvez não fosse difícil já que ele com certeza estava fugindo da esposa, mas as oportunidades não se faziam presente, pois sempre que se encontravam era na presença de outros. Descartou a ideia porque além das dificuldades ela não faria nada sem o consentimento de Sancha.

Foi num domingo após o almoço na casa dos amigos que teve a ideia. Todo o plano brotou em sua mente como um passe de mágica. Anos mais tarde sempre que lembrava deste instante maravilhava-se com a rapidez e a lucidez com que tudo aconteceu.

A filha de Sancha que também se chamava Capitolina brincava no jardim enquanto os amigos sentados na varanda conversavam observando o cair da tarde. Capitu por algum motivo desconhecido se desligou das conversas e teve sua atenção presa nas brincadeiras da menina que estava sentada na grama embalando uma boneca. Aquela imagem de alguma forma ligou dois fios em sua cabeça e como por encanto o plano se fez.

Na segunda-feira foi logo cedo visitar a amiga. Enquanto passeavam pela praia começou a pôr seu plano em prática.

- Sabe Sancha, sei que você tem seus problemas por isso tenho evitado falar dos meus, mas é que não tenho com quem conversar além da amiga e minha aflição é muito grande. Fez uma pausa esperando a reação da outra que não tardou.

- O que é isso Capitu, bem sabes que podes contar comigo sempre. Por favor esqueça meus problemas e fale dos seus.

- Não farei rodeios pois preciso que me aconselhe. É o Bentinho, não tira da cabeça a ideia de ter um filho, já fizemos dois anos de casado e Deus não permitiu que eu engravidasse.

- Calma minha amiga, tudo virá no momento certo.

- Temo que não, pois o problema eu acredito não ser divino e sim de saúde mesmo.

- Como assim?

- Vou lhe contar, mas sabes desde já que lhe peço segredo. Esperou que surgissem no semblante da amiga os sinais de preocupação e curiosidade que conhecia bem.

- Capitu, você está me deixando nervosa. Conhecia a amiga e suas artimanhas, mas estava ficando realmente preocupada.

- Acontece que outro dia ouvi uma conversa entre José Dias e dona Glória, eles falavam terem consultado o médico da família e ele havia dito que talvez meu marido jamais possa gerar filhos por ter sido acometido de grave febre na infância.

- Mas isto é muito grave Capitu.

- É sim, e o pior é que não posso contar para o pobre visto que a priori não sei de nada. Não tinha vergonha da amiga pois ela conhecia e compartilhava da sua mania de ouvir conversas atrás das portas.

- Mas o que você pretende fazer? Não tinha ideia de como ajudar, e isto a deixava nervosa.

- Não sei ao certo. Tenho enorme vontade de lhe dar um filho, mas se ele não for capaz de gerar um, nada posso fazer. O pior é que ele por desconhecer a própria incapacidade está começando a me culpar, mesmo que inconscientemente. Fingiu conter um choro que não existia.

- Mas ele mudou contigo? Bentinho é tão amoroso!

- Mudou sim, está se afastando, temo por meu casamento, faria qualquer coisa para evitar uma mudança em nossas vidas. Agora conseguiu que uma lágrima rolasse e emocionou a amiga.

Encontrou um motivo qualquer e interrompeu precipitadamente a conversa para que Sancha pensasse, ela sabia que a amiga buscaria uma maneira de ajudar e no meio do desespero e do interesse da amiga colocaria sua ideia.

Não precisou esperar muito, dois dias depois a amiga foi visitá-la e demonstrando preocupação voltou ao assunto.

- Como você está Capitu? Tenho pensado muito em você e no seu problema.

- Nada bem. Ontem mesmo Bentinho voltou ao assunto de não termos um filho e já o senti um pouco agressivo, temo que ele me culpe e isso esteja nos afastando. A sua expressão era de que iria desabar e isto impressionou e encorajou a amiga.

- Sabe Capitu, nós somos amigas há muito tempo, passamos e dividimos muitas coisas, muitas intimidades, até sofrimentos, creio que

está na hora de dividirmos algo muito especial. O tom de mistério interessou profundamente a amiga e aguçou sua curiosidade.

- Dividir o que? Acreditava saber o que a amiga iria propor, seria impressionante se ela sugerisse a mesma ideia que ela tivera. E foi justamente o que aconteceu.

- Escobar, vamos dividir meu marido. Sorriu como se soubesse que a ideia havia passado pela cabeça da amiga. Sorriu como se tivesse certeza da simbiose que envolvia as duas. Sorriu sabendo que a amiga não ia dissuadi-la. Sorriu como se as duas fossem donas do mundo e de seus habitantes. Sorriu e a amiga sorriu também.

A cumplicidade entre as duas era enorme, não houve problema em perceberem que a ideia deveria ser posta em prática, sem ciúmes, sem dúvidas. Precisavam sim, era ter muito cuidado pois de todos os planos que criaram e puseram em funcionamento este era o mais perigoso.

Depois de alguns dias e de conversarem muito chegaram à conclusão de que se o plano desse certo Capitu teria um filho, o que alegraria Bentinho e resolveria o problema entre eles. E Sancha o que lucraria cedendo o marido para a amiga? Na sua cabeça depois que Escobar fizesse amor com outra pessoa pensando ser ela, imaginaria que a esposa podia ser diferente e voltaria a procurá-la acreditando que encontraria em casa a variedade que buscava na rua. Já Capitu pensava que além de gerar o filho que seu amado tanto desejava, poderia também descobrir o prolongamento de prazer que não tinha. Escobar era um homem que ela desejava, o prazer que buscava poderia estar na noite que se deitaria com ele, e o melhor de tudo é que a amiga estava oferecendo tudo o que ela mais sonhara nos últimos dias sem desconfiar.

É claro que elas juraram uma para a outra afirmando que tudo se daria apenas visando engravidar Capitu e salvar o seu casamento. Os desejos íntimos não foram revelados. Eram bruxas e amigas. Mas as bruxas mentem também para as amigas. Até que chega a hora em que toda verdade tem que ser dita e enfrentada. Talvez isto nunca acontecesse se tudo desse certo, mas como foi dito antes, nem tudo dá certo sempre.

XIX

UMA NOITE PARA SER ESQUECIDA

Depois de tudo decidido o restante do plano foi fácil de criar e pôr em funcionamento, as duas tinham prática em maquinar situações e controlar pessoas.

O plano era fácil de ser executado. Sancha fingiria uma febre ou mal-estar e pediria a Capitu para ficar com ela uma noite ajudando a cuidar de sua filha Capitolina. Mais tarde, quando Bentinho fosse embora e Escobar já estivesse deitado, Sancha se levantaria, apagaria as velas do quarto e do corredor, e sairia dizendo ir à cozinha buscar água. Logo depois vindo da cozinha Capitu vestida com a camisola da amiga entraria no quarto do casal e se poria embaixo dos lençóis. Ela teria de ser capaz de provocar Escobar a ponto dele se relacionar com ela sem perceber que não era sua esposa. Quando houvessem terminado a relação Capitu sairia do quarto e Sancha retornaria sem que Escobar percebesse a troca. Simples e rápido, mas não foi bem assim que aconteceu.

Sancha em nenhum momento pensou que algo podia dar errado, até que se deitou na cama ao lado da filha depois de trocar de lugar com Capitu. Bastou relaxar para os pensamentos começarem a ameaçar sua consciência e impingir o remorso. E se ele percebesse a troca? Não tinham combinado uma explicação, elas sequer imaginaram que tudo poderia dar errado. Não tinha com que se preocupar, na certa Capitu teria uma explicação e Escobar por ser um cavalheiro fingiria entender e tudo seria esquecido. E se ele percebesse e não reclamasse da troca? E se ele gostasse? Não faria isto, tinha uma enorme amizade pelo amigo Bentinho. E se ele gostasse de estar com Capitu e os dois se tornassem amantes? Não, a amiga não faria isto com ela. Pensou na amizade entre os homens, na amizade entre as mulheres e concluiu que nada disto poderia impedir que os dois que estavam se possuindo naquele instante quisessem repetir aquele momento outras vezes. Torturou-se por algum tempo e sem que percebesse caiu no sono.

Quando dormiu começou a sonhar imediatamente. No sonho havia uma enorme cama colocada sob uma árvore frondosa num descampado muito grande. Em volta da cama o mato estava seco emprestando ao

ambiente uma desolação dilacerante. Na cama Escobar e Bentinho faziam amor com ela e Capitu, só que os pares estavam trocados. Capitu estava sob Escobar de costas e se contorcia de prazer enquanto ela também de costas sob Bentinho sentia um peso enorme sobre si. Sentia muita dor e tentava fugir, mas ele a penetrava com força enquanto ela tentava pedir que parasse, mas a voz não saía. De repente conseguiu virar a cabeça para o lado e percebeu que Escobar olhava para ela e sorria, ele sabia da troca e estava sorrindo como que agradecendo. Ele preferia a amiga. Sentiu uma dor enorme no braço e virou o rosto para Bentinho para pedir que parasse, foi então que acordou com Capitu ao lado da cama lhe sacudindo. Levantou-se rapidamente e sem trocar qualquer palavra com a amiga se dirigiu para o seu quarto. Quando entrou procurou se deitar junto de Escobar sem fazer ruído. Não olhou para o marido, tinha medo de ver em seus olhos o mesmo brilho que viu nos olhos da amiga. Escobar se mexeu na cama e a abraçou. Sentindo o calor do corpo do marido junto ao seu percebeu pela janela o primeiro raio de sol trazendo uma nova manhã para sua vida. Naquele momento se arrependeu, mas era tarde, estava feito.

XX

UMA NOITE INESQUECÍVEL

Quando Sancha entrou na cozinha Capitu estava pronta e ansiosa, as duas trocaram um olhar e Capitu dirigiu-se para o quarto do casal. Ao entrar no quarto demorou alguns segundos para acostumar-se com a escuridão, mas logo estava deitada ao lado de Escobar. Sentindo a respiração dele tão próxima, o cheiro dos lençóis diferente dos da sua cama, sentindo o cheiro do homem ao seu lado que parecia dormir serenamente, tudo isto provocou uma excitação enorme nela. No entanto, junto com o desejo experimentou um medo muito grande. Pensou em desistir, mas o calor que brotava entre suas pernas era tão intenso que a manteve na cama. Não iria desistir, mas arrependeu-se de não ter planejado melhor como iniciar tudo, por certo no seu íntimo imaginava que ele tomaria a iniciativa, como deveria acontecer sempre entre os casais.

Perdida nos seus pensamentos assustou-se quando ele num gesto inesperado se livrou das cobertas e escorregou para baixo das cobertas dela. Seu espanto foi maior quando ele já despido suspendeu sua camisola e abraçando-a com firmeza, mas sem violência a penetrou. Não teve dificuldade em possuí-la apesar de ela estar de costas para ele, a grande umidade que seu sexo exalava facilitou a penetração apesar de ela ter notado que o tamanho do sexo dele era superior ao de seu marido. Era a primeira vez que outro homem a possuía, e tudo, desde o abraço apertado até o vai e vem ritmado que alcançava uma profundidade nunca experimentada, a deixava perto da loucura. De repente, quando ela achou que conseguiria alcançar uma sensação desconhecida ele arfou com violência e ejaculou. Imediatamente, mas sem brutalidade saiu de dentro dela com o sexo ainda ereto, afastou-se e virou de costas para ela.

Nos minutos seguintes ela não se mexeu, talvez não tenha sequer respirado, o sexo dela foi esvaziado tão repentinamente que sequer voltou para a posição normal, era como se ela ainda estivesse preenchida. Ele virado para o outro lado da cama recuperou o ritmo anterior da respiração e dava a impressão que dormiu no mesmo instante em que se virou. Estava feito, podia sair e fazer a troca com a amiga, mas ela não saiu, para ela ainda não

havia terminado. Não tinha chegado até ali rompendo barreiras construídas durante toda a vida para ser inseminada como um animal, tinha planejado, tinha sonhado, tinha desejado alguns segundos de prazer e precisava alcançar. Quando teria outra chance de realizar seus desejos? Talvez nunca mais. Não iria embora, precisava descobrir em seu interior a força que faria com que se virasse e exigisse daquele homem que lhe desse tudo que viera buscar, ela merecia, era seu por direito, só tinha que ir buscar. E ela foi.

Não precisou de nenhum milagre ou qualquer força cósmica invadindo seu peito, e se foi isto que tomou conta dela, naquele instante não se deu conta. O fato é que lentamente retirou a camisola que estava embotada acima da cintura, e completamente nua virou-se. O cheiro dele tão próximo agora misturado aos fluídos sexuais invadiu suas narinas e se havia alguma dúvida do que fazer dissipou-se junto com seus medos. Ela o envolveu num abraço forte pressionando seus seios nas costas dele, depois deslizou a mão direita pela nuca e chegando no alto da cabeça espalhou os cabelos macios descendo pela testa até a boca onde acariciou seus lábios, no mesmo instante com a mão esquerda acariciou os pelos do peito dele e ousadamente deslizou até o sexo e o apertou levemente. Ele estremeceu, mas não ofereceu resistência, na certa não estava acreditando no que acontecia, mas estava gostando e seu membro demonstrava isso. Ela se sentia possuída, como se a vida inteira tivesse se preparado para fazer aquilo, não tinha mais noção de perigo, não se importava com o que pudesse acontecer se ele se espantasse ou se aborrecesse com os atos dela, estava cega, cega de desejo. Com o membro dele rijo e ainda úmido em sua mão, percebeu que em dois anos de casada com Bentinho jamais tinha posto a mão no sexo dele. Afastou sem dificuldade o marido dos pensamentos e começou a massagear o membro dele com delicadeza. Escobar estremeceu e pareceu que ia virar-se, mas interrompeu o movimento quando ela mordeu levemente seu pescoço. Ela agora acariciava seu púbis, depois voltava para o membro. Tudo era novidade, tudo a deixava leve, tudo lhe trazia prazer. Sentiu um enorme calor entre as pernas e pressionou seus pelos nas nádegas dele. Ele virou a cabeça e a beijou na boca. Aquilo não estava previsto, mas o sabor dos seus lábios a entorpeceram e nada no mundo poderia interromper aquele momento. Ele estremeceu novamente e virou-se lentamente, ela também se virou, não podia se arriscar e ficar de frente para ele. Ele a penetrou novamente, mas

desta vez não tinha pressa e não o fez apenas com seu membro, todo o corpo dele estava envolvido. Suas mãos acariciavam os seios dela enquanto sua boca mordida levemente as costas e a nuca. Ela teve a impressão do quarto ser tomado por uma nuvem de fumaça, estava flutuando numa nuvem, estava no céu. Seu corpo foi tomado de uma leveza indescritível. Uma descarga de prazer percorreu cada milímetro de seu corpo e explodiu. O mundo explodiu junto com ela, e logo em seguida como em gênesis renasceu em meio a um jardim de flores. Era maravilhoso e não tinha fim, começava e terminava a cada segundo. Mergulhou num túnel de cores e sons que jamais imaginou existir, havia procurado por um prazer desconhecido, mas nunca poderia imaginar o tamanho do que estava sentindo agora, e era interminável.

Ele estremeceu apertando-a como se temesse que fugisse e a explosão dele aconteceu. Pela primeira vez ela que continuava explodindo sentiu seu corpo e o dele se transformarem em um só. Quando ele terminou não foi como antes, ele não se afastou e o preenchimento que o sexo dele proporcionava foi cedendo lentamente.

Ficaram abraçados ainda algum tempo. Quando ela voltou de seu túnel de prazer tinha certeza de que jamais esqueceria a sensação de como era estar nas nuvens.

Demorou em voltar ao normal, como se houvesse sido possuída por anjos e demônios. Lentamente se afastou dele, se levantou da cama, procurou a camisola, vestiu-se e saiu do quarto.

Encontrou Sancha dormindo e teve que pressionar o braço dela para que acordasse. A amiga acordou assustada, mas não pronunciou nenhuma palavra, apenas olhou fixamente em seus olhos, virou-se e se dirigiu para o quarto do casal.

Capitu se deitou ao lado de Capitolinazinha ainda sentindo o cheiro do pai da pequena. O dia começou a nascer lá fora e ela pode sentir que algo nascia dentro dela. Não teve nenhum remorso ou arrependimento, faria tudo novamente para ter as sensações daquela noite. Difícil não seria viver com o que aconteceu, difícil seria ter os restos dos seus dias sem noites como aquela.

XXI

A MANHÃ SEGUINTE

Na manhã seguinte todos se sentaram a mesa para o café e demonstravam felicidade. Escobar estava radiante, muito atencioso e carinhoso com a esposa, Sancha contente com a atenção que a muito não recebia do marido, Capitu tinha os olhos brilhantes e até a cor de sua pele muito branca parecia possuir uma nova tonalidade. Todos tinham alcançado seus objetivos, até Bentinho poderia ficar feliz pois em breve teria seu desejo de ser pai realizado. No entanto um muro cresceu entre as amigas. Elas nunca falaram sobre aquela noite, não conseguiram. Anos mais tarde colocaram em cartas tudo que gostariam de ter conversado, mesmo assim escreveram de maneira que mais pareciam estar desabafando com elas mesmo do que conversando ou trocando opiniões e confissões entre si. Era muito difícil para elas que haviam recebido educação baseada em ensinamentos religiosos e autoritários, admitir que haviam compartilhado o mesmo homem. Já era demais admitir que pelo menos para uma delas o compartilhamento lhe deu prazer.

XXII

O FILHO

Ezequiel era forte, belo e principalmente único. Capitu, confirmando suas suspeitas da esterilidade do marido não engravidou novamente. O filho trouxe alegria para todos até que por volta dos cinco anos suas feições começaram a ter as formas do pai.

A mãe foi a primeira a notar, no entanto tinha esperanças de que ele mudasse e parecesse com ela. Ele não mudou e cada dia parecia mais com o pai. A verdade estava se aproximando dela.

Esta aproximação se deu primeiro com dona Glória. A mãe de Bentinho inesperadamente passou a afastar-se do filho e do neto. As visitas antes tão frequentes agora eram difíceis e rápidas. Ela foi a primeira a perceber a incrível semelhança de Ezequiel com Escobar e não se furtou em comentar com José Dias.

- Este menino é todo o amigo de Bentinho. Deus me perdoe se estou imaginando coisas, mas até a voz do pequenino tem o jeito de Escobar. É o jeito de andar, é idêntico. Senhor, de onde virá tamanha semelhança? Estava assustada com as próprias palavras, mas não conseguia esconder o que via.

- É impressão da senhora dona Glória, o menino tem a mania de imitar a todos. É uma atitude que precisa ser corrigida pelos pais. A senhora precisa vê-lo me imitando, é como se eu estivesse a olhar-me no espelho, tamanha a semelhança. Ele fica parecido com todos que se dispõe a imitar. Procurava convencer dona Glória da inocência da nora, mas no seu íntimo tinha certeza a algum tempo. Nunca gostou de Capitu e agora sabia exatamente do que ela era capaz, porém não seria ele a abrir os olhos de Bentinho. Um homem precisa descobrir sozinho o tipo de mulher que tem em casa.

XXII

O ANJO MAU

O menino continuou crescendo, bem como a convivência entre os casais. Esta convivência quase diária despertou também a desconfiança de Escobar. A semelhança era muito grande. Mas como poderia? Se o menino fosse seu filho na certa saberia. Ou não? Teria que ter deitado com a mãe do pequeno, mas certamente lembraria disto. Ou não?

Uma noite depois de fazer amor com Sancha, Escobar virou-se para o lado e como não conseguia conciliar o sono começou a pensar sobre sua vida e seu casamento. Havia muito que não tinha prazer com a esposa, era mãe dedicada e cuidava dele, da casa e da filha com total empenho, mas como amante jamais o satisfazia. Tinha procurado fora de casa com algumas mulheres, até já havia pagado profissionais, mas não conseguia a satisfação que buscava. Durante algum tempo teve um caso com uma atriz e chegara perto do que imaginava ser prazer entre um casal, mas fora preciso se afastar pois a atriz começara a exigir demais e com certeza iria afastá-lo de sua família. Isto ele não poderia permitir. Tivera prazer com a amante e com outras mulheres, mas nunca com sua esposa. Nunca não, tinha havido uma noite a pelo menos seis anos atrás em que ela o levara ao céu. Tinha sido uma noite especial, inesquecível, mas nunca mais aconteceu novamente.

Pensava com saudades daquela noite quando repentinamente um anjo mau o despertou de um sonho que ele jamais quis sonhar.

Uma vez na vida de todas as pessoas acontece de elas serem visitadas por um anjo mau. Veja bem, não é um demônio, mas um anjo mau. Ele é mal porque insiste que as pessoas vejam a verdade, uma verdade que ao permanecer encoberta pode lhes trazer muita felicidade ou pelo menos o desconhecimento dessa verdade não lhes trará o dissabor de encarar algo que para essas pessoas pode ser detestável. As pessoas que vivem a nossa volta cometem atos que nos afetam e incomodam, porém muitos destes atos que podem nos transformar ou transformar nossas vidas, jamais chegam ao nosso conhecimento. É como caminhar a beira de um abismo sem perceber que ele está ali, a um palmo de nossas pernas. Não sentimos medos e continuamos caminhando tranquilamente,

provavelmente não cairemos ou sequer perceberemos o perigo. Mas quando o anjo mau nos aponta o abismo o susto é tão grande que as pernas tremem e tombamos.

Com Escobar foi assim. Num instante estava apenas insatisfeito com sua vida e se perdia em pensamentos, no instante seguinte o anjo mau lhe soprou a verdade dentro de sua alma.

Aquela noite que fora tão especial não aconteceu com sua esposa, mas sim com Capitu e aquele menino era o fruto daquela noite.

Quando o anjo sopra, a verdade fica passeando por dentro das cabeças e as cabeças nunca mais são as mesmas. Nunca mais pensam ou nos fazem agir da mesma forma que antes, somos outras pessoas, somos pessoas que despencaram no abismo.

Durante várias noites Escobar caiu em vários abismos. E cada vez que despencava voltava mais arrasado e assustado. Fazia contas, buscava desculpas, se negava a aceitar, mas o rosto do menino voltava e o assombrava sempre. Tinha que saber, precisava ter certeza. Não podia aceitar aquela traição, o amigo jamais entenderia o absurdo de sua ignorância, a idiotice de sua participação na concepção do menino.

Procurou Capitu. Não se sentia à vontade com a esposa pois ela devia estar desconfiada também. Uma noite ficou à espreita junto a casa de Bentinho e sabendo que o amigo não estava, bateu à porta e sem conter sua ansiedade após um rápido cumprimento foi direto ao assunto.

- Capitu, perdoe-me se estou sendo grosseiro, mas o mal que me aflige precisa ser curado, e só uma resposta sua pode me ajudar. - Não esperou sequer a expressão de espanto e curiosidade afastar-se do rosto dela para prosseguir e emendou a pergunta. - Ezequiel é nosso filho?

- Como assim, Escobar? Sabia do que ele falava. Sabia dissimular como ninguém, mas fora pega de surpresa e sentia que estava corando e revelando suas emoções.

- Capitu, eu tenho sofrido muito com esta dúvida. Este menino tem minhas feições e tenho lembranças de uma certa noite de amor. Diga-me por favor, ele é nosso filho?

- Não sei do que você está falando. Então ele lembrava daquela noite. Ela não pensava mais nos problemas que estariam por vir, só conseguia desejar outra noite como aquela, estavam sós e tão perto. Ouviu barulho a porta, era Bentinho que chegava.

- Responde-me Capitu, ou vou pedir a seu marido que te pergunte. Ele estava desesperado, faria qualquer bobagem para sair do abismo que se encontrava.

- Não sejas tolo. Se tu queres respostas para suas perguntas procura tua esposa. Ela, e não meu marido é que poderá te ajudar. Já ouvia a voz de Bentinho se aproximando e passou a responsabilidade para a amiga, não conseguia pensar direito com a proximidade do marido e a confusão de desejos em sua cabeça.

Ele se recompôs, cumprimentou o amigo e conseguiu, sabe Deus como, inventar uma desculpa para estar ali. Bentinho não percebeu nada.

Quando se despediu dos amigos e rumou para casa o anjo mau estava soprando outra verdade em sua cabeça. Sancha sabia de tudo. Mas tudo o que?

XXIII

A CONFISSÃO

Sancha encarnou o anjo mau, há muito que ansiava por isto. Estava com a verdade presa na garganta e precisava soprá-la nos ouvidos de Escobar. Contou-lhe tudo e aproveitou para cobrar dele a indiferença de todos os anos, cobrou também sua displicência em não perceber a troca que elas fizeram.

- Na certa você percebeu a troca que fizemos, mas nunca me perguntou sobre isto. Esperava a confirmação, mas ao invés disto ele começou a chorar. Ela ficou assustada. A insegurança repentina do marido a deixou desnorteada.

- Porque Sancha, por que tanta traição? Repetia a palavra traição como se isto fosse uma prerrogativa dela.

- Todos cometemos traições, cada um por seus motivos, mas todos em determinado momento traímos. Não queria toda responsabilidade para si, ele também tinha participação em tudo que aconteceu ou viesse a acontecer. Afinal não tinha procurado fora de casa outros prazeres? Ela apenas havia tentado trazê-lo de volta, tinha lutado pelo que considerava ser seu e para isto trair era válido.

- Mas e Bentinho, ele nunca entenderá. Preocupava-se mais com o amigo pelo fato de ter passado anos lembrando dos prazeres daquela noite. Prazeres que houvera desfrutado com Capitu.

- Talvez ele não venha sequer a saber. Os segredos naquela casa vão e vem há muito tempo. Não tenha tanta preocupação com ele, afinal vocês não estão mais no seminário.

A menção do seminário o fez lembrar de Deus e com a lembrança veio a ideia do castigo. Havia pecado e na certa seria castigado. Seu castigo seria ter que olhar para o rosto do amigo o resto da vida e sorrir quando ele dissesse que seria de seu gosto o casamento de Ezequiel com Capitulinazinha. Seria seu castigo continuar chamando de “cunhadinha” a mulher com quem dividira a melhor noite de sua vida, a mulher de seu melhor amigo. Na certa não suportaria tanta provação.

Naquela noite os amigos como combinado vieram para o jantar. Escobar estava decidido a pôr todas as cartas na mesa, iria enfrentar a

esposa e sua amiga, tinha certeza de que Bentinho entenderia. Porém o amigo trouxe consigo o agregado e a tia, não houve oportunidade de realizar a reunião. No entanto, procurou marcar nova reunião para o dia seguinte, mas deixou em suspense o motivo. Bentinho curioso insistiu em saber e Sancha falou de uma possível viagem a quatro.

A ideia absurda de viajarem juntos, o excesso de bebida e a violenta discussão que teve com Sancha depois que todos foram embora fez com que Escobar tomasse a decisão de resolver a situação de outra maneira.

XXV

O SUICÍDIO

Durante a madrugada, trancado em seu escritório Escobar escreveu uma carta para Bentinho e outra para Sancha. Quando o dia amanheceu seu corpo foi encontrado no mar da praia do Flamengo. A morte foi o caminho encontrado para a solução de todos os problemas.

As duas mulheres tiveram uma enorme força para planejar e executar os planos que lhe dariam satisfação e prazer, no entanto Escobar ao saber de sua participação naqueles planos, sequer encontrou forças para viver com o prazer que havia alcançado.

O anjo mau levou mais um fraco que não conseguiu evitar o abismo que se abriu a seus pés.

XXVI

A DESPEDIDA DE SANCHA

- Estou partindo para casa de parentes no Paraná, espero que nossa amizade continue e que possamos nos corresponder sempre que possível. Estava se despedindo da amiga que era a única pessoa com quem realmente se importava além da filha, mas não queria que a despedida se prolongasse ou trouxesse mais dissabores.

- Porque não ficas, sabes que em breve precisarei muito de sua companhia e amizade. Sabia a dor que acompanhava a amiga, mas sabia também a dor que estava por vir para ela também.

- Já não há o que fazer aqui, a verdade de tudo o que fizemos se espalhou, todos a nossa volta sabem o que aconteceu, mas duvido que consigam entender. Nem ao menos falam sobre isto.

Sancha partiu, mas antes mostrou para a amiga as cartas deixadas por Escobar. Capitu leu as cartas e depois as duas resolveram queimá-las. Não havia necessidade de mostrar a Bentinho um pedido de desculpas de Escobar, até porque o pedido era tolo e infantil, apenas se penitenciava por ter dormido com a mulher do amigo e gostado disto. Quanto à outra carta deixada para Sancha só afirmava toda a fraqueza que sentiu ao ser confrontado com a verdade do acontecido. Ela tinha pensado em rasgar antes mesmo de mostrar a Capitu tamanha a raiva que sentiu do marido. Chegou a pensar que se ele não estivesse morto o mataria. Então ela havia derrubado todas as cercas construídas durante sua vida, para livre de preconceitos e medos religiosos proporcionar ao marido uma noite com outra mulher, buscando unicamente atraí-lo de volta, e ele não teve coragem de enfrentar o amigo do seminário. Tinha chorado aos soluços e depois deu cabo da vida apenas por covardia de admitir que outra mulher que não a sua havia lhe dado prazer. Por que o covarde idiota tinha que se envergonhar diante do tolo do Bentinho? Por que ele não podia reconhecer a força de sua esposa? E mais do que isto a força do amor que ela sentia por ele, os sacrifícios que ela havia feito por ele, todas aquelas noites esperando mudanças no comportamento dele perdidas em vão. Ele nunca foi forte como ela, nunca mudou, nunca mudaria. Que ardesse no inferno.

XXVII

FINALMENTE BENTINHO

Ezequiel adorava Bentinho, era papai o tempo todo. Bentinho não era diferente, perdia-se de carinhos para com Ezequiel. Até que a semelhança do menino para com o falecido Escobar começou a surgir todas as manhãs, nos olhos, no sorriso, no jeito de andar, enfim, em tudo, até na ausência que o morto deixara.

O anjo mau estava de volta querendo jogar outro tolo no abismo.

Capitu sentiu Bentinho distanciando-se, mas tinha decidido que o próximo lance seria dele, ela não diria nada, não notaria a semelhança do menino e estava preparada para reagir a qualquer acusação do marido.

A acusação não tardou. Uma tarde encontrou os dois no escritório. Bentinho fora de si dizia ao menino que ele não era seu filho. Entrou no escritório e já preparada para enfrentar a situação perguntou:

- O que você está dizendo para o menino?

- Você ouviu bem. Ele não é meu filho. Ele estava transtornado e ela pode notar que seus olhos pela primeira vez em todos os anos que lhe miraram, não estavam úmidos. Eram secos como suas palavras.

- Porque não me dizes tudo o que pensas para que eu possa me defender. Pela primeira vez sentiu que faltou convicção no que dizia, temia que sua expressão a traísse. Muitas coisas estavam acontecendo pela primeira vez naqueles dias, no futuro quando outras primeiras coisas acontecessem, isso seria tomado como um presságio de grandes mudanças.

- Há coisas que não se dizem. Falou e parecia que iria chorar, mas não chorou. Os olhos estavam secos.

Ele não conseguia despejar toda a raiva que sentia, talvez pelo seminário, talvez por toda proteção que teve durante a vida, talvez porque ele simplesmente era assim. Pessoas nascem fracas, outras demonstram fraqueza apenas diante de certas pessoas. Talvez fosse esse o caso de Bentinho, era forte com a vida, com o trabalho, mas agora demonstrava claramente que temia Capitu como temeu um dia dona Glória. Era óbvio que tinha percebido a semelhança de Ezequiel com o falecido há muito tempo, mas precisou de muita coragem para enfrentar a esposa e mesmo assim não conseguiu falar abertamente de suas suspeitas. Ainda levaria

algum tempo, mas eles teriam que se separar, por mais difícil que tudo isto fosse para ele.

O anjo mau mostrou o abismo para Bentinho, ele caiu, mas não era tão fraco como Escobar, teria muitos arranhões, talvez fraturas irreversíveis, mas voltaria do abismo e caminharia novamente, com um andar manco, com o rosto desfigurado, mas continuaria sua caminhada até onde seus olhos, agora secos e áridos o levassem.

XXVIII

O EXÍLIO

A separação aconteceu com o exílio de Capitu e Ezequiel. Bentinho parecia querer esconder os dois como se fossem suas maiores vergonhas.

Ele decidiu a separação em duas ou três palavras, nunca conversaram realmente. Ele provavelmente temia que se a deixasse falar seria convencido, seus olhos umedeceriam novamente e tornaria a ser o marido submisso de sempre. Talvez até acreditasse que Deus tinha feito o menino parecido com o amigo a título de homenagem.

Capitu se viu na Suíça em companhia apenas de Ezequiel que logo foi para um colégio. Bentinho deixou-os lá, e apesar de cercá-los de conforto, nunca mais retornou. Ela estava só. Por muito tempo sua única ligação com tudo que aconteceu e com seu país foram às cartas que trocou com Sancha. A amiga nunca a abandonou, ao contrário do seu amado.

Capitu conheceu outros homens, mas nenhum que amasse tanto como Bentinho ou que desejasse tanto quanto Escobar. Escreveu sobre suas aventuras para a amiga e contou também da enorme mágoa que trazia no coração. De que valera tanto amor se o tolo amado jamais poderia compreender a imensidão de desejos que habitavam seu coração. Não havia príncipes, e se por acaso eles existiam nunca seriam encontrados numa casa vizinha na rua de Mata-Cavalos, com o simples ato de atravessar um pequeno portão no fundo do quintal, durante uma infância que já se fazia distante.

XXIX

TODOS SE FORAM, TODOS SEMPRE SE VÃO

Capitu morreu de febre no exílio. Muitos morriam de febre naqueles tempos. Muitos morriam no exílio também.

Ezequiel nunca soube da verdade e a seu modo e do modo que Bentinho permitiu, amou seu “pai”, até o dia em que numa excursão ao Egito faleceu também vítima de febre. Foi ao encontro da mãe e do pai ainda moço. Talvez os céus os tenham acolhido e perdoado. Tudo se perdoa na morte e no esquecimento. Bentinho nunca os perdoou, mas ele também nunca soube da verdade e nunca esqueceu. Se bem que se soubesse talvez perdoasse apenas o amigo, jamais entenderia o amor e as necessidades que a esposa tinha.

Bentinho e Sancha foram os únicos que enfrentaram a velhice. Nenhum dos dois arriscou um novo casamento. Cada um por motivos diferentes preferiu continuar sozinhos. A diferença é que Sancha tinha sua filha e ela lhe trouxe muitas alegrias, enquanto Bentinho terminou seus dias remoendo suas casmurrices.

XXX

ANA LUIZA

Como foi difícil contar essa estória, decifrar as cartas das duas amigas, mulheres de outro século, com desejos e necessidades tão diferentes das minhas e, no entanto, tão parecidas nas suas atitudes. Elas tinham dificuldades que não tenho, mas fizeram o que tinham de fazer e o fizeram por amor.

Parabéns, Capitu, parabéns Sancha, eu as admiro muito.

FIM